

UFS, um retrato sem retoque

* Francisco José A. Santos

A UFS anda mal e não é de hoje que o quadro vem se agravando. A cada administração que sai, um fio de saúde se esvai do corpo combalido. Estou na Casa desde 1981 (primeiro como aluno e, mais recentemente, como professor) e o que tenho assistido é uma sucessão de desmandos, piorando, sucessivamente, a qualidade desta universidade jovem na idade, mas com sinais evidentes de velhice, de degradação precoce. Alguns fatos comprovam o que estou afirmando.

Há, em primeiro lugar, o câncer do corporativismo. O legítimo direito de organização das categorias tem degradingolado na defesa miope de interesses segmentares, em detrimento das necessidades mais abrangentes da instituição como um todo. Exemplo disto é o famigerado turno corrido do corpo administrativo, que tem levado a UFS a um funcionamento deficitário, deixando seus órgãos sem funcionários por grande parte do encolhido expediente diurno. E nem se fale do turno noturno, quando o Campus Universitário fica literalmente entre "ao Deus dará", ocasionando furtos e já alguns assassinatos. A administração cala e consente. Desta forma, o corajoso documento dos reitores dos centros pedindo providências ao reitor quanto à questão caiu na gaveta do esquecimento. "Tudo como dantes na Vila Abrantes" - consoante o ditado.

Mas não apenas o corpo administrativo sofre do mal do corporativismo. A Associação dos Professores, que sempre trombeteia a qualidade de ensino, não moveu uma palha contra o expediente excuso (embora sob a capa da legalidade arranjada) de alguns docentes que promoveram sua ascensão aos cumes da carreira sem a necessária qualificação para tal. O espírito de corpo achou melhor silenciar sobre o delito lesa-conhecimento. Afinal, para que abrir fendas no seio da categoria?

E o que dizer do sangue da produção científica? Estamos no mesmo patamar da Universidade Federal do Piauí que, como se sabe, é uma das universidades federais de mais baixa produtividade no campo científico. Claro que falta uma infra-estrutura,

é evidente que os professores (alguns pelo menos) são sobrecarregados. Mas, se isto fosse a **causa única** desta pasmeira, como explicar a existência de alguns abnegados produzindo nestas mesmas condições adversas? O fato é que temos uma instituição anêmica pela carência da criatividade científica.

Por fim temos a febre, nada edificante, da sucessão de reitor. Impressiona, a qualquer observador, como as eleições universitárias reproduzem fielmente as mazelas de qualquer eleição do interior de Sergipe ou do Brasil: personalismo, voto de cabresto, negocatas e outras **cositas** do gênero. Os debates são um show de agressões pessoais, de troca de desaforos. Um projeto para a UFS não se põe em pauta. Em vez disto, palavras de ordem vazias procuram ganhar o voto do eleitor indiferente na base do grito, da charanga, dos clichês ou da baixaria. Um candidato afirma ser a **diferença**. É de se perguntar: mas como se o tal está instalado no poder há quase uma década e nada fez de "diferente"? Um outro diz estar **acima dos interesses**... Trata-se de uma proposição bem estranha: o que move alguém a querer ser reitor senão interesses, desejos... Obviamente pode-se distinguir entre interesses pessoais (ou grupais) e interesses de abrangência mais coletivas; interesses legítimos e ilegítimos... mas os interesses movem os homens.

A campanha eleitoral tem ainda vindo agravar o quadro do atendimento nos diversos setores institucionais. Órgãos inteiros ficam às moscas enquanto os funcionários e professores farreiram na caça ao voto. Visando garantir um cargo comissionado, outros cavando um lugarzinho ao sol. Tudo num grande comércio... deprimente.

Alguns dirão que carreguei nas tintas e que estou fornecendo arsenal para os inimigos da universidade pública e gratuita. Sei deste perigo. Acredito, todavia, que a sociedade deve saber a quantas anda uma instituição por ela mantida. E demais, a primeira condição para um eficaz tratamento é um diagnóstico realista da doença. Chega de panos quentes! A grave situação a que chegamos reclama lucidez.

* Francisco José A. Santos é professor da DFH - UFS